

Aperfeiçoamento em Educação Infantil,  
Infâncias e Arte  
Módulo 5 - Ações pedagógicas e relatos  
de experiências

PRESIDENTA DA REPÚBLICA

**Dilma Vana Rousseff**

VICE-PRESIDENTE

**Michel Miguel Elias Temer Lulia**

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

**Renato Janine Ribeiro**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)

Reitora: **Soraya Shoubi Smaili**

Vice Reitora: **Valeria Petri**

Pró-Reitora de Graduação: **Maria Angélica Pedra Minhoto**

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa: **Maria Lucia Oliveira de Souza Formigoni**

Pró-Reitora de Extensão: **Florianita Coelho Braga Campos**

Secretário de Educação a Distância: **Alberto Cebukin**

COMITÊ GESTOR DA POLÍTICA NACIONAL DE  
FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFISSIONAIS  
DA EDUCAÇÃO BÁSICA - CONAFOR

Presidente: **Luiz Cláudio Costa**

COORDENAÇÃO GERAL DO COMITÊ GESTOR  
INSTITUCIONAL DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA  
DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA - COMFOR

Coordenadora: **Celia Maria Benedicto Giglio**

Vice-Coordenadora: **Romilda Fernández Felisbino**

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO

Coordenadora: **Érica Aparecida Garrutti de Lourenço**

Vice-Coordenadora: **Betania Libanio Dantas de Araújo**

COORDENAÇÃO DE EaD

**Izabel Patrícia Meister**

**Paula Carolei**

**Rita Maria Lino Tárzia**

**Valéria Sperduti Lima**

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO E DESENHO  
INSTRUCIONAL

**Felipe Vieira Pacheco**

COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

**Daniel Lico dos Anjos Afonso**

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA - SEB

Secretário: **Manuel Palacios da Cunha e Melo**

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA,  
ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO -  
SECADI

Secretário: **Paulo Gabriel Soledade Nacif**

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA  
EDUCAÇÃO - FNDE

Presidente: **Antonio Idilvan de Lima Alencar**

FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SÃO PAULO - FAP-UNIFESP

Diretora Presidente: **Anita Hilda Straus Takahashi**

PRODUÇÃO

**Daniel Gongora**

**Eduardo Eiji Ono**

**Fabrizio Sawczyn**

**João Luiz Gaspar**

**Marcelo da Silva Franco**

**Mayra Bezerra de Sousa Volpato**

**Margeci Leal de Freitas Alves**

**Tiago Paes de Lira**

**Valéria Gomes Bastos**

**Vanessa Itacaramby Pardim**

SECRETARIA

**Adriana Pereira Vicente**

**Bruna Franklin Calixto da Silva**

**Clelma Aparecida Jacyntho Bittar**

**Janaina Gomes Reis Bezerra**

**Tatiana Nunes Maldonado**

SUPORTE TÉCNICO

**Enzo Delorence Di Santo**

**João Alfredo Pacheco de Lima**

**Rafael Camara Bifulco Ferrer**

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

**André Alberto do Prado**

**Marlene Sakumoto Akiyama**

**Nilton Gomes Furtado**

**Rodrigo Santin**

**Rogério Alves Lourenço**

**Sidnei de Cerqueira**

**Vicente Medeiros da Silva Costa**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

1933



EDIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

RUA SENA MADUREIRA, 1500 - VILA MARIANA - CEP 04021-001 - SP

[HTTP://COMFOR.UNIFESP.BR](http://COMFOR.UNIFESP.BR)

COPYRIGHT 2015

TODOS OS DIREITOS DE REPRODUÇÃO SÃO RESERVADOS À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO.  
É PERMITIDA A REPRODUÇÃO PARCIAL OU TOTAL DESTA PUBLICAÇÃO, DESDE QUE CITADA A FONTE

# Introdução

Para esse módulo, estão previstas 30 horas de atividades, a serem realizadas ao longo de quatro semanas, sendo 9 horas presenciais e 21 horas a distância, tendo-se como atividades:

- Estudo integrado das artes;
- Elaboração de um plano de Ação Pedagógica (Ap) e avaliação do desenvolvimento da Ação com as crianças;
- Realização de uma comunicação oral acerca da experiência de desenvolvimento da Ap; e
- Elaboração de um resumo acerca da Ação Pedagógica que resultará numa publicação.

O roteiro a seguir ajudará na elaboração de uma ação pedagógica com uma turma de Educação Infantil. Esta ação pedagógica deve ter as artes como ação: artes visuais, corpo em movimento e música, integrada e permeada pelas múltiplas linguagens, e propostas a partir de um tema gerador inspirado em materiais selecionados por você.

Procure pensar em uma ação pedagógica completa, isto é, que tenha um início motivador que “aqueça” as crianças (como uma história, uma música, uma brincadeira); a seguir, algo com um desenvolvimento interessante, em que você e as crianças interajam entre si, usando algum material, por exemplo; e, por fim, finalize com um produto que deverá ser socializado (aqui você poderá pensar nas recomendações da Prof. Fafi, feitas na videoaula do módulo II e de demais professores dos módulos seguintes).

Você pode fotografar a escola, a turma, as atividades, enfim, cada um dos itens do roteiro poderá ser ilustrado, dando mais vida à sua ação! No entanto, lembre-se de que fotos com crianças devem ser previamente autorizadas por seus responsáveis.

Você é quem vai definir qual atividade irá propor e o tempo de duração. Recomendamos que, se possível, sua ação pedagógica seja feita em mais de um dia e, a cada dia, no mínimo, durante uma hora.

Seu leitor não conhece você, não sabe em que escola nem em qual turma fará sua AP. Ele precisa saber detalhes sobre isso e também precisa entender o que e como você pretende desenvolver sua ação. Assim, procure detalhar bem cada um dos itens abaixo, evitando frases curtas. Pense no seu leitor, que não poderá perguntar nada, por isso as informações precisam ser bem completas e detalhadas!

 SAIBA MAIS

*Algumas dicas para as fotografias:*

*Se o seu celular ou câmera digital apresentar resolução baixa, média e alta, defina a resolução como alta, isso fará toda a diferença de qualidade na postagem no computador.*

*Fotografe sem que as crianças posem, é importante que elas não se percebam fotografadas. Opte por cenas mais naturais.*

*Tire várias fotos para poder selecionar depois. Abuse nos ângulos “de cima para baixo” – intitulado olho de águia, na altura dos olhos das crianças, faça close das mãos. Fotografe também de baixo para cima – chamamos de olho de rã.*

*Luz baixa é sinal de foto ruim, use flash nesse caso, se a cena for externa não fotografe contra a luz.*

*Tente ângulos diferentes, isso adiciona detalhes importantes e variados.*



# AULA 1

ORIENTAÇÕES PARA A  
AÇÃO PEDAGÓGICA



# Roteiro Para Elaboração da Ação Pedagógica (Ap)

Título: crie um!

## 1. Contextualização da escola:

- as características gerais da escola de Educação Infantil em que ocorrerá a ação pedagógica (AP);
- Características gerais da população atendida (crianças e famílias);
- Características da equipe de Gestão e educadores;

## 2. A turma com a qual a AP será desenvolvida:

- Em que turma a sua ação será desenvolvida? Qual a idade das crianças?
- Conte detalhes a respeito da turma e suas características.
- Você é a professora da turma? Se não for, como teve acesso a ela?
- Qual a rotina dessa classe? Conte como costumam passar o dia desde a entrada até a saída da escola (se não for a professora da turma, busque informações a respeito).

## 3. Sobre a AP

- O que motivou a elaboração da AP?
- Qual(is) são as relação(ões) da AP com o Curso Educação Infantil, Infância e Arte?
- Qual a possibilidade desta AP ter continuidade nessa turma? (ou caso você não esteja atuando diretamente em uma classe de educação infantil, como esta AP se relaciona com o seu trabalho?)

## 4. Plano de Ação Pedagógica

- O que vou fazer?
- Para que vou fazer, qual (is) meu (s) objetivo (s)?
- Qual(is) áreas artísticas são predominantes (artes visuais, música, dança, teatro)?
- Quais contextos diferentes usarei? (lembre-se da cartografia que fizemos no Módulo II, por exemplo, na janela, debaixo da mesa ou da tenda ...)
- Precisaréi de algum material?



- Qual (is) espaço (s) utilizarei durante a Ação Pedagógica?
- Como vou desenvolver a Ação Pedagógica? Detalhe passo a passo.
- Qual(is) aprendizagens são esperadas?
- Como será feita a socialização desse trabalho?

A partir da escolha temática pesquise na biblioteca da sua escola e na web todas as referências que encontrar: músicas, imagens, propostas arte na Educação Infantil e múltiplas linguagens, vídeos etc. Levante tudo o que conseguir para depois excluir e selecionar o material mais adequado à sua ação.

5. Cronograma (detalhe o passo a passo de sua ação e use quantas linhas forem necessárias).

Estratégias e etapas seguidas	Datas e tempo previsto	Recursos materiais

6. Após a aplicação da AP você deverá fazer um relato:

- Quais eram suas expectativas antes da AP?
- Tudo saiu conforme previsto? Por quê?
- Você teve que fazer adaptações? Quais?
- Como você avalia sua AP?
- O que as crianças aprenderam?
- O que você aprendeu com elas (*sim, pois Paulo Freire, certa vez disse que se um professor não aprendeu nada com seus alunos, certamente eles também não aprenderam nada com o professor*)?

Por fim, escreva algo que aprendeu, neste curso de **Educação Infantil, Infâncias e Arte**, e que foi realmente significativo para sua AP.



# AULA 2

## INTEGRANDO ARTES E LINGUAGENS: A DIDÁTICA DA ARTE

Autor: Renato Tocantins Sampaio

## À guisa de apresentação

Prezado Cursista,

Seja bem-vindo ao módulo 5 do Curso de Aperfeiçoamento Educação Infantil, Infâncias e Arte da Universidade Federal de São Paulo.

Esta primeira parte do texto não fará uma introdução geral ao tema que abordaremos neste módulo, mas sim uma provocação sobre o nosso contato com a Arte.

Vivemos em um mundo em que, graças à revolução tecnológica, temos acesso quase ilimitado a informações de diversas fontes, diversas naturezas, diversos tempos e lugares e diversas origens. Porém, é importante nos questionarmos até que ponto realmente aproveitamos tais possibilidades de acesso no sentido de conseguirmos nos apropriar do conhecimento. Há uma grande diferença entre possuir informação e possuir conhecimento sobre algo.

Em primeiro lugar, temos a necessidade de verificar se uma determinada informação é verdadeira e precisa ou, minimamente, coerente em alto grau com a realidade observada. Isto é, temos de tentar garantir uma credibilidade da informação que obtivemos. Referindo à internet, por exemplo, há *sites* que são mais confiáveis que outros e, mesmo alguns *sites* relativamente confiáveis, podem trazer informações inadequadas ou inverídicas. Um segundo aspecto, diz respeito ao modo como processamos e utilizamos tais informações, ou seja, como juntamos as informações, as relacionamos e as aplicamos gerando um novo conhecimento. Segundo Cruz (2008, p.1025),



“Informação, sem uma mente que a análise, que a reflita, que a compreenda e que a use adequadamente, é inútil para o crescimento intelectual do sujeito. A capacidade reflexiva do aluno é elemento essencial para o discernimento do conhecimento, já que é ela que o torna capaz de interpretar, comparar, ponderar e integrar as informações”.



Nesta mesma linha de raciocínio, Costella, (2002) considera que a mera divulgação dos bens culturais nem sempre enriquece culturalmente as pessoas. Por exemplo, se o simples contato com os bens culturais garantisse a apreensão profunda da cultura os funcionários de uma biblioteca (incluindo desde os bibliotecários aos faxineiros e vigias) e os vendedores de livrarias deveriam sempre figurar entre as pessoas mais cultas do mundo.

A avalanche de informações que temos atualmente sobre qualquer coisa dificulta não somente gerarmos novos conhecimentos como também, e principalmente, aprofundá-los. Não é difícil, portanto, ficarmos num nível extremamente superficial em relação às coisas, inclusive à Arte.

O contato com objetos artísticos e reproduções de objetos artísticos podem, por um lado, facilitar o acesso à experiência estética e favorecer tanto a produção artística como a educação em arte como, por outro, nos soterrar com informações visuais e sonoras fazendo com que

não consigamos efetivamente apreciar a arte, pois não há tempo e espaço para aprofundarmos nossa experiência e nosso conhecimento. Passamos então, meramente a “reconhecer” o que vemos e/ou ouvimos como algo com o qual já tivemos algum contato. Temos assim uma sensação de conforto momentâneo com uma breve interrupção neste fluxo alucinante de informação oriunda de uma breve sensação de continuidade e suspensão da “pressa” do mundo.

Contudo, se desejamos realmente nos aprofundar no conhecimento em Arte é necessário um esforço de “diminuir a velocidade do mundo”, de nos darmos tempo para realizarmos uma apreciação desapressada, para “ruminarmos” nossas sensações, nossos sentimentos, nossas ideias a partir do contato com o objeto artístico, qualquer que seja a sua forma ou estilo.

Longe de ser uma receita, gostaria que estas reflexões iniciais servissem como um alerta para que possamos mudar nossa atitude frente aos objetos artísticos para conseguir de modo mais profundo apreciar e fazer arte.

Bons estudos,

Prof. Renato Sampaio

# 1. Algumas considerações sobre o ensino de Arte



Como você já deve ter observado em seus estudos neste curso até este momento, definir em poucas palavras o que é Arte é uma tarefa complicada. As pessoas em períodos diferentes, em contextos sociais diferentes, em momentos diferentes da própria vida possuem concepções diferentes de arte e se relacionam com ela de modos variados.

## IMPORTANTE

*Fique atento!*

*No material deste módulo, o termo “Arte” (com letra maiúscula no início da palavra) aparecerá para designar o campo do conhecimento e a disciplina escolar, enquanto “arte” (com letra minúscula no início da palavra), será usado para o processo do fazer artístico, incluindo o objeto resultante desta ação.*

*Porém, quando citarmos algum texto, o termo será mantido do modo como o autor original o utiliza e, nestes casos, deve-se levar em consideração que vários autores não fazem a distinção na terminologia como adotamos neste material.*

Luigi Pareyson, filósofo e esteta italiano, propõe que as milhares de definições de Arte que encontramos ao longo da história da arte ocidental poderiam ser reduzidas a três: “ora a arte é concebida como um fazer, ora com um conhecer, ora como um exprimir. Essas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem umas às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras.” (PAREYSON, 1989, p. 30)

Já Lowenfeld e Brittain (1977, p. 18-19), afirmam que:

“

Para a criança, a arte não é a mesma coisa como para o adulto. Embora seja difícil dizer, exatamente, o que a arte significa para qualquer adulto, em particular, o termo ‘arte’ tem, geralmente, conotações bem definidas. Entre estas, estão as de museus, quadros pendurados nas paredes, pintores barbudos, reproduções em cores, coberturas com exposição para o norte, modelos posando nus, uma elite de cultura e, de modo geral, o sentimento de uma atividade um pouco afastada do mundo real, de ganhar a vida e criar uma família. De qualquer maneira, supõe-se que a arte é uma ‘boa coisa’ e que os livros sobre arte ou os ‘bons’ quadros que se penduram nas paredes de uma casa devem proporcionar alguma elevação espiritual na vida. Para o homem comum, a arte pode ser como tomar uma dose de remédio. De qualquer modo, para o adulto, ela está usualmente associada à área da estética, da beleza externa.

”



“

Para a criança, a arte é algo muito diferente e constitui, primordialmente, um meio de expressão. Não existem duas crianças iguais e, de fato, cada criança difere até do seu eu anterior, à medida que constantemente cresce, que percebe, que compreende e interpreta o seu ambiente. A criança é um ser dinâmico; para ela, a arte é uma comunicação do pensamento. Vê o mundo de forma diferente daquela como o representa e, enquanto desenvolve, sua expressão muda.

”

Vamos refletir um pouco sobre esta citação de Lowenfeld e Britten?

Numa primeira leitura, pode-se ressaltar que os autores afirmam que o adulto pensa e vive a arte de modo diferente que a criança, enquanto o adulto tende, na maioria das vezes, a compreender a arte como um objeto, a criança a vive como ação (enquanto expressão).

Outro aspecto importante é o termo “homem comum” que aparece na penúltima frase do primeiro parágrafo da citação acima. Este “homem comum” seria a pessoa que tem contato com a arte, mas que não vive dela, que a vê em museus ou pendurada na parede da sua casa, mas possui com ela um papel de apreciador e, algumas vezes, de consumidor. Quem, então, não seria “comum”? Os artistas que criam a arte e os críticos de arte que lhe atribuem valor ou que “orientam” o “homem comum” em relação ao que é bom e o que é de má qualidade artística.

Mas, aí, surge uma outra questão: o que diferenciaria o homem comum do artista (que cria) e do crítico (que julga e avalia)? Muitas pessoas certamente fariam que o artista possui um “dom”, natural ou divino, que lhe possibilita criar arte enquanto os “homens comuns” não possuem habilidades e competências para tal. Os críticos de arte, por sua vez, seriam pessoas que possuem uma capacidade de compreensão e crítica maior do que as pessoas “comuns” o que, aliado ao estudo sistemático e profundo em alguns campos da Arte, lhe possibilitaria uma compreensão que costumaria ser penosa e de difícil acesso (ou até mesmo inacessível) à pessoa “comum”.

Teríamos, então, três tipos de pessoa: aquelas que criam arte; as que são capazes de uma leitura mais ampla, complexa e profunda da arte, o que denominamos usualmente como críticos de arte; e, aquelas que simplesmente apreciam e consomem arte. Certo?

Errado! Na verdade, a concepção atual e quase consensual entre os teóricos do desenvolvimento, da Arte, da Educação e de vários outros campos de atuação e conhecimento humano é a de que todas as pessoas nascem com potencial para fazer as três tarefas: fruir (criar e realizar), criticar e apreciar arte e, dependendo de seu desenvolvimento (pessoal, social, escolar etc.), este potencial pode ser transformado em habilidades e competências ou não.

O ser humano faz arte com o conhecimento que tem do mundo a sua volta e de si mesmo e, ao fazê-lo, também modifica este conhecimento. De um modo geral, Pareyson (1989) e vários outros teóricos afirmam que a necessidade da arte neste caso seria a de uma busca do significado da vida ou, no mínimo, do sentido do existir.



“

Tanto a ciência quanto a arte, respondem a essa necessidade mediante a construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura. Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana. A própria ideia de ciência como disciplina autônoma, distinta da arte, é produto recente da cultura ocidental. Nas antigas sociedades tradicionais não havia essa distinção: a arte integrava a vida dos grupos humanos, impregnada nos ritos, cerimônias e objetos de uso cotidiano; a ciência era exercida por curandeiros, sacerdotes, fazendo parte de um modo mítico de compreensão da realidade. (BRASIL, 1997, p. 33-34)

”

A separação entre arte e ciência tem sua origem no período do Renascimento, principalmente com teóricos como Descartes, Pascal e outros, mas, na realidade, arte e ciência nunca se separaram de fato pois coexistem na vida humana individual e coletiva se influenciando mutuamente.

“

Na verdade, nunca foi possível existir ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento. Tanto uma como a outra são ações criadoras na construção do devir humano. O próprio conceito de verdade científica cria mobilidade, torna-se verdade provisória, o que muito aproxima estruturalmente os produtos da ciência e da arte. (BRASIL, 1997, p. 34)

”

O filósofo francês Gilles Deleuze traz uma outra forma de compreender a arte que também pode nos ser bastante útil. Deleuze (1999) acredita que tanto a arte como a ciência e a filosofia são processos de criação humana, mas se são idênticas enquanto modos humanos de criação, distinguem-se enquanto modo de produção e do produto final criado. Para Deleuze, a filosofia cria conceitos, a ciência cria teorias explicativas e a arte cria devires de sensações, ou seja, blocos de relação entre seus elementos constitutivos (cores, formas, sons etc.) e o espectador, que geram sensações.

Feita esta divagação sobre Arte e o fazer artístico, chegamos então à questão: Para quê e como ensinar Arte na Educação Infantil?

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998a), existem seis eixos de conteúdo referentes à dimensão conhecimento de mundo a serem abordados na Educação Infantil, que são: Movimento; Música; Artes Visuais; Linguagem Oral e Escrita; Natureza e Sociedade; e, Matemática. Estes seis eixos constituem “eixos de trabalho orientados para a construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento” (BRASIL, 1998a, p.8). Apesar da separação em seis eixos, vemos os conteúdos artísticos atravessando alguns diretamente ligados à Arte, como a Música e as Artes Visuais, e, outros, onde às vezes esta relação pode parecer menos evidente, como Movimento e Linguagem Oral e Escrita.



Ainda segundo o RCNEI (Brasil, 1998a, p.47-48):

“

Embora as crianças desenvolvam suas capacidades de maneira heterogênea, a educação tem por função criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de aprendizagem que apresentam nas diferentes faixas etárias. Para que isso ocorra, faz-se necessário uma atuação que propicia o desenvolvimento de capacidades envolvendo aquelas de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social.

As capacidades de ordem física estão associadas à possibilidade de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, ao autoconhecimento, ao uso do corpo na expressão das emoções, ao deslocamento com segurança.

As capacidades de ordem cognitiva estão associadas ao desenvolvimento dos recursos para pensar, o uso e apropriação de formas de representação e comunicação envolvendo resolução de problemas.

As capacidades de ordem afetiva estão associadas à construção da autoestima, às atitudes no convívio social, à compreensão de si mesmo e dos outros.

As capacidades de ordem estética estão associadas à possibilidade de produção artística e apreciação desta produção oriunda de diferentes culturas.

As capacidades de ordem ética estão associadas à possibilidade de construção de valores que norteiam a ação das crianças.

As capacidades de relação interpessoal estão associadas à possibilidade de estabelecimento de condições para o convívio social. Isso implica aprender a conviver com as diferenças de temperamentos, de intenções, de hábitos e costumes, de cultura etc.

As capacidades de inserção social estão associadas à possibilidade de cada criança perceber-se como membro participante de um grupo de uma comunidade e de uma sociedade.

”

Devemos lembrar que esta divisão é puramente didática pois há uma recursividade a todo momento entre as capacidades cognitivas, éticas, estéticas, afetivas etc. Para além do com a fruição de fazeres artísticos e a apreciação de objetos artísticos como meio de expressão e de inserção na cultura, não podemos nos esquecer do desenvolvimento das outras capacidades citadas, como, por exemplo, da valorização pessoal, dos aspectos afetivos e da ética quanto ao respeito à produção alheia (de um colega ou da produção de uma outra cultura). Se há um pensamento de integralidade do desenvolvimento humano, deveria haver também um pensamento de integralidade quanto aos conteúdos a serem trabalhados no sistema educacional.



## 2. É um possível um ensino integrado das linguagens artísticas?

Você já deve ter ouvido falar que o cinema é a sétima arte, não? Mas, quais são as outras seis e porque o cinema é a sétima?

Segundo Lyra (2002) o termo sétima arte foi criado pelo italiano Ricciotto Canudo no início do século XX que tentava localizar o cinema como arte e não apenas como curiosidade técnica ou como meio de registro de eventos. Para Canudo, as sete artes e seus elementos principais são:

- 1ª Arte – Música (som)
- 2ª Arte – Dança (movimento)
- 3ª Arte – Pintura (cor)
- 4ª Arte – Escultura (volume)
- 5ª Arte – Teatro (representação)
- 6ª Arte – Literatura (palavra)
- 7ª Arte – Cinema (que para Canudo integra todas as artes anteriores e todos os seus elementos constitutivos)

Canudo organizou esta lista de modo a partir de expressões mais diretas do próprio corpo, passar pelas sensações e chegar até meios de expressão que, em sua concepção, são simbolicamente mais elaborados. Assim, ao colocar o cinema como a sétima arte, lhe atribuiria um lugar de destaque e de soberania sobre as demais já que Canudo, além de um teórico e crítico de arte importante em seu período, também foi cineasta. Porém, apesar do termo “sétima arte” ter sido acatado para o cinema e ainda ser atualmente utilizado no meio artístico e de comunicação (televisão, jornais etc.), esta lista na maioria das vezes não possui muito interesse acadêmico por ser claramente tendenciosa e por não incluir algumas formas consagradas de Arte, como a Arquitetura.



### SAIBA MAIS

#### *Curiosidade:*

*Algumas pessoas tentam expandir a lista de Canudo inserindo manifestações artísticas como a fotografia e a Arte Digital mas, apesar de proliferarem listas em blogs e sites de referências que chegam até a incluir as histórias em quadrinhos e os videogames como formas de arte, não localizamos nenhum trabalho acadêmico que abordasse este tema de modo adequado.*



Do ponto de vista educacional escolar, no entanto, costuma-se classificar as artes em quatro modalidades:

- música, quer seja instrumental e/ou vocal;
- dança;
- artes cênicas, que inclui o teatro, o circo, a mímica e também o vídeo (cinema e televisão); e,
- artes visuais, algumas vezes também chamada de artes plásticas, que inclui a pintura, o desenho, a escultura, a holografia, a arte digital etc.

Deve-se salientar que esta classificação das linguagens artísticas nas escolas exclui a literatura pois ela é considerada como integrante da disciplina “Língua Portuguesa”, e a arquitetura, que algumas vezes, no entanto, é incluída dentre as artes visuais.

Embora corriqueira e muitas vezes funcional, esta divisão em quatro modalidades é polêmica e não é aceita universalmente pois há muitos trabalhos que questionam, por exemplo, a separação entre a dança e o teatro, e tendem a chamar a este conjunto de dança, teatro, circo, mímica e vídeo de artes performáticas. Por outro lado, cada vez mais também notamos uma não separação em diversos procedimentos artísticos, como no caso da Ópera que tem seu início no final do século XVI englobando a Música, as Artes Cênicas, a Literatura, a Dança, a Arquitetura, as Artes Visuais, a Moda e várias outras linguagens artísticas.

## SAIBA MAIS

*Para conhecer mais:*

*Como exemplo das misturas das modalidades artísticas, assista no youtube:*

*Uma fusão entre cinema e música no premiado videoclipe “Segue o Seco”, com Marisa Monte: <[https://www.youtube.com/watch?v=l4WLDrN\\_5k0](https://www.youtube.com/watch?v=l4WLDrN_5k0)>. Acesso em 20 julho 2015.*

*Uma fusão entre a música e o cinema de animação (desenho) no videoclipe de “Diariamente”, também com Marisa Monte: <<https://www.youtube.com/watch?v=mEA4N8t8Nac>>. Acesso em 20 julho 2015.*

*Uma fusão entre teatro (iluminação), música e artes visuais (a cenografia, em especial a cortina de rosas, de Maneco Quinderé) em parte de um show de Ana Carolina: <<https://www.youtube.com/watch?v=2rV8IBiJiOA>>. Acesso em 20 julho 2015.*

*Uma fusão entre música (de José Miguel Winsnik sobre temas de Ernesto Nazareth), dança e artes visuais (cenário e figurino) em trecho do espetáculo Nazareth, com o Grupo Corpo: <<http://www.youtube.com/watch?v=sjgZRnWSOG4>>. Acesso em 20 julho 2015.*

*Uma fusão entre escultura (uma escultura de Alexander Calder, inventor dos móveis), música e poesia, em um documentário sobre “Sócrates”, de Eric Satie (em inglês): <<https://www.youtube.com/watch?v=AzC7pQ3JgqU>>. Acesso em 20 julho 2015.*



A interação entre as diversas linguagens artísticas ocorre não somente em produções artísticas (ver a caixa “Para conhecer mais” acima) como também no ensino de arte. Por exemplo, o Método Dalcroze de ensino de música tem como um de seus princípios básicos que o fazer musical não deve ser realizado somente com as mãos e os braços ao tocar um instrumento musical. Pelo contrário, desde a percepção do som até a produção sonora deve-se trabalhar com o corpo todo e, neste sentido, há uma estreita relação entre o ensino de música e o de dança desde os primeiros momentos de prática (FONTERRADA, 2005; MARIANI, 2012).

Se tratar da relação entre música e movimento pode parecer óbvio, a relação entre pintura e movimento nem sempre é tão clara, embora costumemos ter impressões de movimento ou de estabilidade ao vermos algumas pinturas. Observe a pintura de Pieter Brueghel, o Velho, nomeada “O Casamento Camponês”, pintado em 1567 em óleo sobre madeira. (Figura 1). Nesta imagem vemos várias pessoas em uma festa de casamento, algumas celebrando e, outras, trabalhando. Observe as duas figuras masculinas de blusa vermelha. A da esquerda, um músico tocando uma gaita de fole, e, a da direita, um servente carregando o que parecem ser tortas para servir aos convidados. Apesar destes dois homens estarem trabalhando e se movimentando para desenvolver suas atividades, têm-se a impressão de que o músico está numa postura estável e o servente num movimento de caminhar. Por quê? A posição do corpo deles demonstra tal diferença não somente na posição dos membros inferiores, mas, principalmente, pela posição do tronco: o músico tem seu tronco verticalizado enquanto o servente, inclinado.



Figura 1: “O Casamento Camponês”, de Pieter Bruegel, o Velho, 1567.

Museu de Arte de Viena. Disponível em <<http://www.museumsyndicate.com/item.php?item=779>>.

Acesso em 20 julho 2015.

Segundo Dondis (2007), as posições das linhas na imagem visual fornecem sensações (ou descrições) de movimento. Enquanto linhas retas horizontais e verticais (figuras 2 e 3, respectivamente) sugerem estabilidade, solidez e ausência de movimento, linhas retas diagonais e linhas curvas (figuras 4 e 5, respectivamente) sugerem instabilidade e movimento.

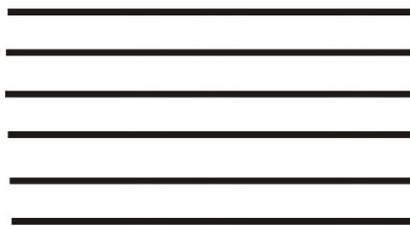


Figura 2: Linhas horizontais. Acervo pessoal do autor.

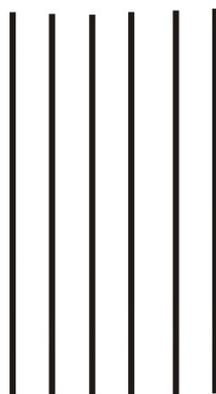


Figura 3: Linhas verticais. Acervo pessoal do autor.

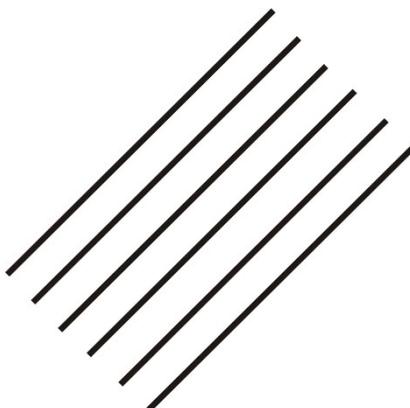


Figura 4: Linhas diagonais. Acervo pessoal do autor.



Figura 5: Linhas curvas. Acervo pessoal do autor.

Observe as figuras 6 e 7, abaixo, e veja qual deles sugere mais movimento. Tente, agora, explicar o porquê.

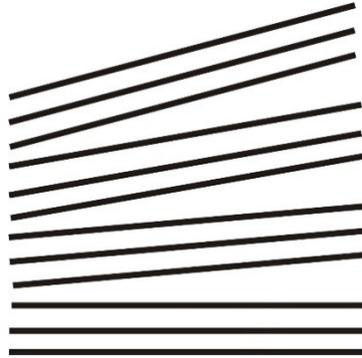


Figura 6: Linhas horizontais e diagonais. Acervo pessoal do autor.



Figura 7: Linhas horizontais e curvas. Acervo pessoal do autor.

É interessante notar que apesar das imagens das figuras 6 e 7 possuírem uma estrutura muito semelhante na disposição espacial, a sensação de movimento é maior na figura 7 devido às linhas curvas.

Agora observe a aplicação destes mesmos conceitos em pinturas de paisagens. Nas duas pinturas de Vincent Van Gogh a seguir, a predominância de linhas horizontais na composição geral do quadro em “Harvest at la Cra” (figura 8) transmite uma sensação de estabilidade e serenidade em oposição às linhas curvas que são apresentadas em maior quantidade e destaque em “Starry Night” (figura 9).

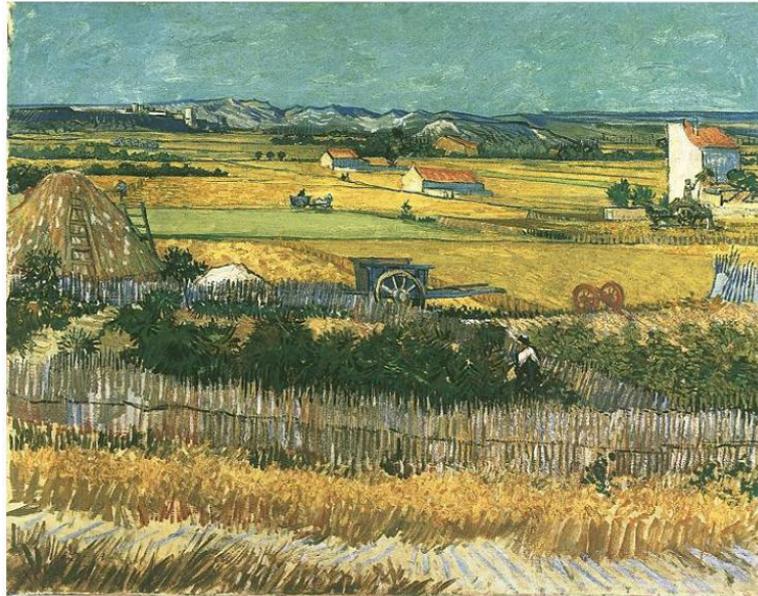


Figura 8: Harvest at La Cra, with Montmajour in the Background. Vicent Van Gogh, 1888.  
Disponível em <<http://www.vangoghgallery.com/catalog/Painting/184/Harvest-at-La-Cra,-with-Montmajour-in-the-Background.html>> . Acesso em 20 julho 2015.



Figura 9: Starry Night. Vincent Van Gogh, 1889.  
Disponível em <<http://www.vangoghgallery.com/catalog/Painting/508/Starry-Night.html>> . Acesso em 20 julho 2015.



### 3. Alguns exemplos de projetos de integração entre as linguagens artísticas na educação infantil

Você pode notar nos diversos módulos estudados até este momento e, neste módulo, até o item anterior, as diversas linguagens artísticas podem ser estudadas e utilizadas para produções artísticas de modo independente ou em conjunto. Iremos, então, descrever alguns exemplos de como isso pode ser realizado na educação infantil.

Como em qualquer atividade educacional, o conteúdo a ser abordado em um projeto deve ser definido a partir dos objetivos do projeto, do nível de habilidades e capacidades desenvolvidas e em desenvolvimento das crianças e dos recursos disponíveis.

#### **Proposta 1: Para crianças até 3 anos de idade**

Para a elaboração de um projeto, uma boa sugestão para permitir posteriormente a integração das diversas linguagens artísticas é a escolha de um tema que possa ser contemplado nestas diversas linguagens e que seja acessível e contextualizado para as crianças de acordo com a etapa do desenvolvimento em que se encontram, principalmente para as de até 3 anos.

Podemos partir da apresentação inicial de uma imagem figurativa (isto é, não abstrata). Como uma proposta inicial, utilizaremos fotos das esculturas “El Gato” (O Gato) e “El Perro” (O Cachorro), do artista colombiano Fernando Botero (Figuras 10 e 11, respectivamente). O professor pode, em uma roda de conversa, mostrar imagens destas esculturas e conduzir as conversas com as crianças fazendo perguntas como, por exemplo: quem reconhece esses animais? Vocês já viram pinturas ou outras esculturas destes animais? E de outros animais de estimação (peixes, passarinhos, tartaruga etc.)? Por que será que o artista quis fazer estes animais tão grandes (bem maiores que os adultos)?



Figura 10: Escultura em bronze “El Gato”, de Fernando Botero, 1993, em Medellín.

Disponível em <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/25/Gatodebotero.jpg>>. Acesso em 20 julho 2015.



Figura 11: Escultura em bronze “El Perro”, de Fernando Botero, 1993, em Medellín.  
Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/94549765>> . Acesso em 20 julho 2015.

O professor pode então, pedir para que as crianças desenhem seus animais de estimação, fazer esculturas, representar os sons e o movimento destes animais e explorar o que elas conhecem sobre tais animais.

Antes ou após as expressões gráficas das crianças, o professor pode apresentar outras imagens (pinturas e esculturas) para fornecer mais repertório e também pode haver uma conversa sobre os estilos de representação (ver figuras 12 a 15).

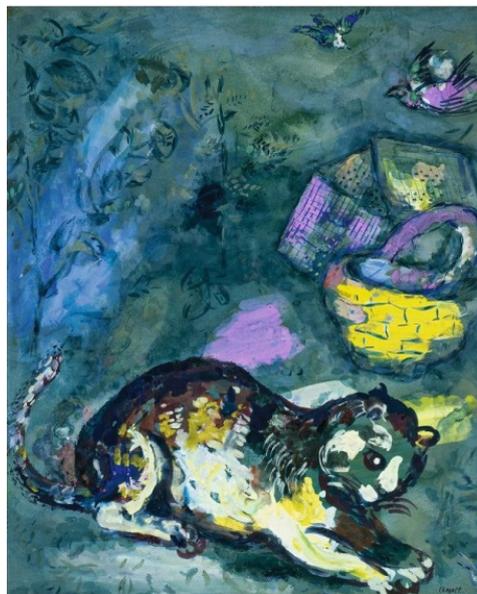


Figura 12: “O gato e dois pardais”, de Marc Chagall, 1925-1926.  
Disponível em <<https://www.pinterest.com/pin/80220437083606694/>> . Acesso em 20 julho 2015.



Figura 13: “Mulher com um gato”, de August Renoir, cerca de 1875.

Disponível em <<http://www.impressionism.org/paintings/woman-with-cat.htm>> . Acesso em 20 julho 2015.



Figura 14: Gato, de Aldemir Martins, 1979.

Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5034/gato>> . Acesso em 20 julho 2015.

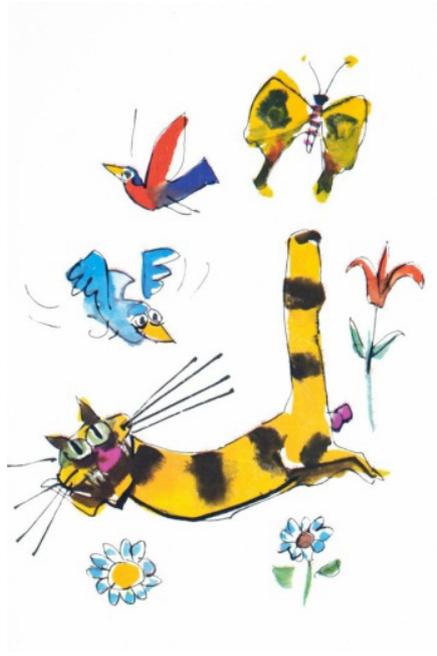


Figura 15: Uma das ilustrações de Hector Carybé para o livro de Jorge Amado “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”. Disponível em <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/48/32/45/483245468d0cd73790d9e858fc44e67c.jpg>>.

Acesso em 20 julho 2015.

Num terceiro momento, o professor pode construir com as crianças uma narrativa sobre estes animais e encená-la. Na montagem, podem ser utilizadas músicas para criar climas emocionais para cada cena (ou partes delas), as crianças podem cantar músicas sobre estes animais, imitar o movimento destes animais, realizar danças que tenham os animais como temas, dentre várias outras atividades explorando as linguagens artísticas.

Pode ser interessante iniciar um trabalho como este com animais terrestres (como o gato e o cachorro) mas, talvez, dependendo das habilidades e interesses da turma, incluir animais aquáticos (por exemplo, peixes) e aéreos (por exemplo, pássaros). Ainda, neste tipo de projeto, facilmente podem ser incluídos também conteúdos de natureza e sociedade (como os animais se alimentam, onde vivem, como se locomovem etc.), matemática (número de patas, tamanho pequeno e grande etc.), ecologia e ética (como tratar os animais, as responsabilidades com os animais de estimação, incluindo os cuidados que temos de ter com as outras pessoas que possam ter alergias e os cuidados necessários ao passear com um cachorro, por exemplo).

### Proposta 2: Para crianças de 4 e 5 anos de idade

Para crianças maiores, de quatro e cinco anos, um tema mais abstrato já pode ser utilizado desde que contextualizado, por exemplo, a relação entre uma vida mais simples versus uma vida mais agitada e com mais demandas, abordada na canção “**Simplicidade**”.



## *Simplicidade*

*John Ulhoa*

*Vai diminuindo a cidade  
Vai aumentando a simpatia  
Quanto menor a casinha ia ia  
Mais sincero o bom dia*

*Mais mole a cama em que durmo  
Mais duro o chão que eu piso  
Tem água limpa na pia ia ia  
Tem dente a mais no sorriso*

*Busquei felicidade  
Encontrei foi Maria  
Ela, pinga e farinha ai ai  
Eu sentindo alegria*

*Café tá quente no fogo  
Barriga não tá vazia  
Quanto mais simplicidade ai ai  
Melhor o nascer do dia*

Uma gravação desta música pela banda Pato Fú pode ser visualizada no Youtube:

< [https://www.youtube.com/watch?v=I\\_4JVwE-x3s](https://www.youtube.com/watch?v=I_4JVwE-x3s) > . Acesso em 20 julho 2015.

A partir da escuta desta música, as crianças podem ser levadas a dialogar sobre o que faz o dia ser melhor e o que aumenta a simpatia das pessoas dentre vários outros temas possíveis de serem derivados desta canção e, então, encontrar meios de representar graficamente por pintura tais conteúdos.

A canção pode ser ensinada para as crianças e elas podem criar uma coreografia para expressar os sentimentos. Vale a pena ressaltar que a coreografia pode ter como base para sua concepção o conteúdo descrito na letra da canção, mas também a forma musical, por exemplo, há trechos somente instrumentais, há estrofes e refrão e, em cada um deles podem ser explorados movimentos diferentes. Também é possível montar uma cena no qual tais conteúdos sejam apresentados.



## Considerações Finais

Quando, no processo educacional, compreendemos que a criança é a construtora de seu próprio conhecimento, referimo-nos a uma abordagem piagetiana de conhecimento, mas há vários outros pesquisadores que desenvolveram e continuam a desenvolver o que podemos denominar como abordagem neo-piagetiana. Um desses autores é o psicólogo norte-americano David Ausubel (1918-2008) que se preocupou em estudar como os alunos aprendem a pensar e aprendem a aprender e criou o conceito de aprendizagem significativa.

Para Ausubel (2003), a aprendizagem é significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento pré-existentes, portanto o novo conhecimento é significativo quando ele parte da relação com o conhecimento prévio. De forma oposta, a aprendizagem se torna mecânica ou repetitiva, sendo no novo conteúdo armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias e (portanto, menos fortes) na estrutura cognitiva do aluno. A aprendizagem por descoberta, que envolve formulações e testagens de hipóteses é interessante apenas como um primeiro nível para construção de conhecimentos mais elaborados. Isto é, a aprendizagem por recepção ou por descoberta deve ser seguida por relacionar a informação nova com o que a criança já conhece, transformando não somente a informação, mas a própria estrutura cognitiva.

Para que isso seja possível, o novo material apresentado pelo professor deve conter uma estrutura lógica, interagir com conceitos relevantes e inclusivos, e isso também ocorre no ensino de arte, principalmente quando trabalhamos com projetos que envolvem diferentes modalidades de expressão. Os objetivos devem ser claros, os conteúdos devem ser selecionados e trabalhados para criar uma ponte entre os conhecimentos prévios das crianças e com os objetivos traçados (que comporiam um marco de chegada nesta jornada).

# Referências



AUSUBEL, D. **Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental). Brasília: MEC / SEF. 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 20 julho 2015.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Vol 1: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTELA, A. **Para apreciar a Arte: Roteiro Didático**. 3. Ed. São Paulo: SENAC, 2002.

CRUZ, J.M.O. **Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação**. Educação & Sociedade, v.29, n.105, 2008, p.1023-1042. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a05.pdf>>. Acesso em 20 julho 2015.

DELEUZE, Gilles. **O Ato de criação**. Disponível em <<https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/gilles-deleuze-o-ato-de-criao.pdf>>. Acesso em 20 julho 2015.

DONDIS, D. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

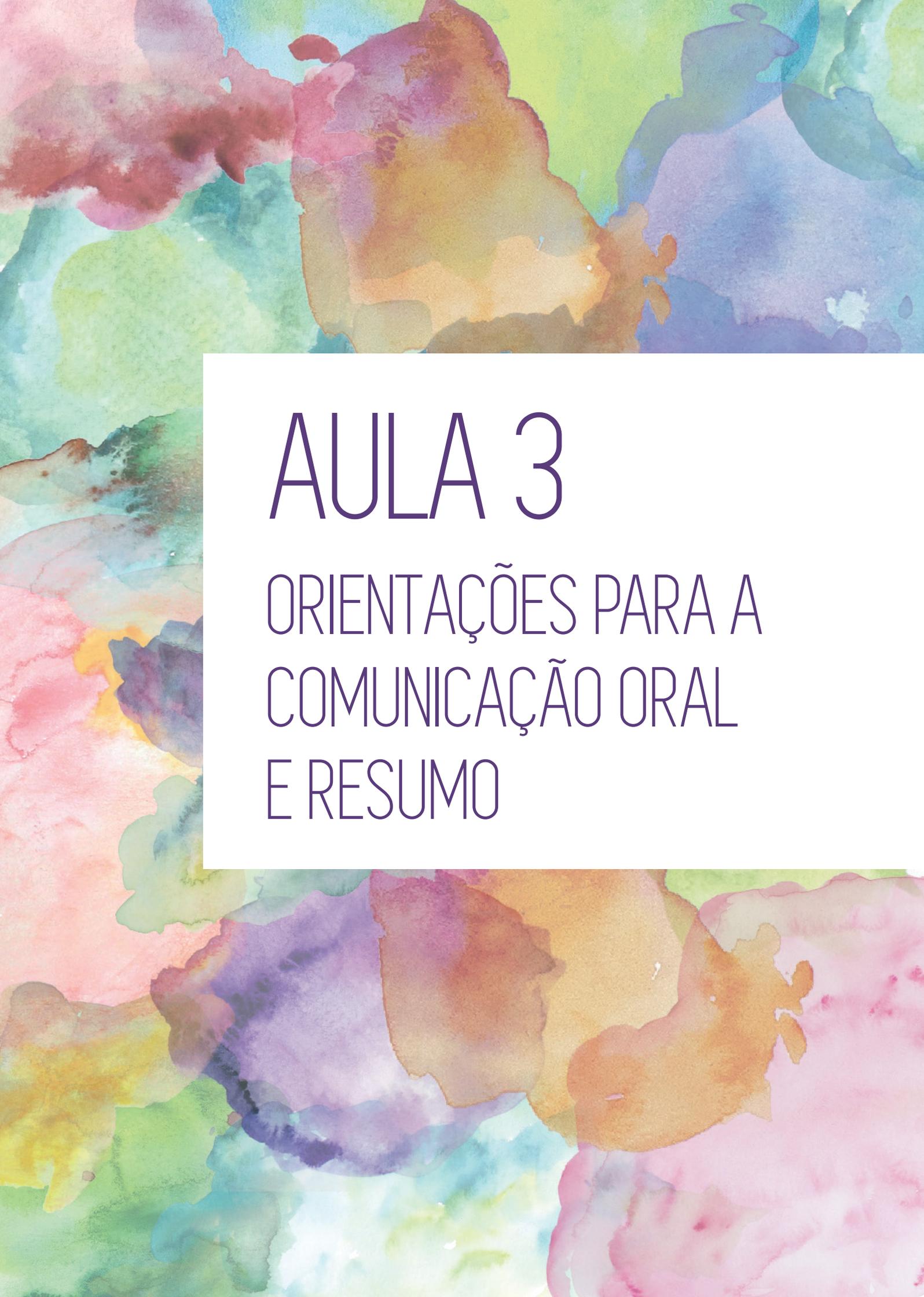
FONTEERRADA, M. **De tramas e fios**. São Paulo: Unesp, 2005.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W.L. **O desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LYRA, B. O Lugar do Cinema. **XXV Congresso Anual de Ciência em Comunicação**, Salvador, 2002. Disponível em <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP7LYRA.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP7LYRA.pdf)>. Acesso em 15/05/09.

MARIANI, S. Émile Jacques-Dalcroze: a música e o movimento. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (org.) **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

PAREYSON, L. **Os problemas da Estética**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



# AULA 3

ORIENTAÇÕES PARA A  
COMUNICAÇÃO ORAL  
E RESUMO

Neste módulo integrador, prevê-se a socialização dos resultados obtidos nas Ações Pedagógicas (APs), desenvolvidas como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tendo-se como objetivos:

- Levar os cursistas a vivenciar situações de divulgação de suas APs que lhes permitam organizar um resumo e um pôster de seus resultados;
- Possibilitar, uma vez mais, um trabalho integrado em artes;
- Proporcionar momentos de entrosamento entre os cursistas e destes com os professores que compõem a equipe do curso; e
- Propiciar acesso aos resultados das APs pelos cursistas, professores, equipe técnica, coordenadores, diretores, assistentes técnico-pedagógicos, supervisores e demais profissionais da educação acesso, oferecendo a todos os envolvidos, oportunidades de enriquecimento científico-cultural.

Na esfera acadêmico-científica, a divulgação de práticas no campo da educação pode acontecer em variadas situações, por meio de diferentes gêneros do discurso, tanto orais quanto escritos (em geral, pela participação com comunicações, palestras, conferências e pôsteres em encontros, congressos e outros eventos e/ou pela publicação de artigos em jornais e revistas especializados, livros, anais e pela própria produção de monografias, dissertações e teses etc.).

Em nosso curso essa socialização nos polos se dará por meio de comunicações orais. Ainda, cada grupo escreverá um resumo a partir das experiências de Aps, que resultarão na elaboração de um livro.



# Orientações para a comunicação oral

Você articuladamente com o seu grupo preparará uma apresentação oral de socialização da AP em seu polo. O tempo previsto de apresentação será entre 10 a 15 minutos, seguido de 5 minutos para discussão.

Para essa apresentação, deverá contar com o apoio de slides em formato digital - PowerPoint (extensão ppt), de modo a contemplar:

- Título da AP
- Identificação de autoria/orientador/tutoras
- Objetivos da AP
- Caracterização do grupo de crianças:
- Ações pedagógicas
- Resultados
- Conclusões
- Bibliografia principal

Na apresentação dos itens do trabalho acima elencados, procurem:

- Utilizar o mínimo de texto (quando for necessário, tente apresenta-lo em tópicos) e o máximo possível de figuras, fotos, tabelas, gráficos e esquemas, atentando para a clareza das informações;
- Organizar as informações de modo que as ideias centrais do trabalho sejam facilmente apreendidas;
- Utilizar todos os recursos disponíveis para que o PowerPoint desperte o interesse do público.

Após a organização do PowerPoint, se organizem em relação à apresentação oral: todos os integrantes falarão? Quais tópicos? Etc

## ⚡ IMPORTANTE

*Atenção: Seria bastante interessante que você organizasse a divulgação de sua AP também na sua escola. Converse com seu diretor para planejarem como e quando será!*

**Importante:**

- Embora não solicitemos que os grupos postem os slides no Ava, iremos apreciá-los na comunicação oral. Assim, já estamos a imaginar as delícias com os quais nos presentearão com falas e imagens.
- Para apresentar as fotos das crianças nos slides, **é necessário solicitar autorização por escrito por parte dos pais ou responsáveis**. Se não as tiver, procure focar o grupo em atividade (de costas, mãos apenas etc) e outra possibilidade, é fotografar as próprias produções das crianças.

## Orientações para a elaboração do resumo

Sigamos com a escrita de um resumo que expresse as vivências de Ap de seu grupo, escrita que assumirá num sentido mais poético. A esta altura você já deve achar um modo!

Ao escrever o título, pensem em toda a ação escolhendo palavra ou frase curiosa, instigante, poética. Pode ser algo falado pelas crianças durante a ação. A filha de Paulo Freire, aos 4 anos de idade, disse referindo-se a um colega: cabelo macio como espuma do mar. Inspire-se nos títulos das pinturas de Miró: o diamante sorri ao crepúsculo, O pássaro-cometa e a papoula florida, A chuva matinal à luz da lua, voo do pássaro ao luar, o sol vermelho tritura a aranha. Soltem as ideias, façam uma cartografia de palavras, elas orientarão o título e o resumo. O título poético nascerá depois que a ação aconteceu pois vocês olharam a tudo atentamente e a ação alimentará o título.

A partir da ação pedagógica, listem substantivos da sua ação, listem verbos e os contextos onde aconteceram. Escrevam as informações descritas no quadro resumo. Leia o texto várias vezes e trabalhe sobre ele depurando-o. Vocês selecionarão entre tudo o que aconteceu o que é latente para o leitor. Lembre-se que muitos professores serão motivados por seu texto. Escreva-o contemplando os objetivos, o percurso do desenvolvimento da AP e impressões sobre o desenvolvimento da ação. Incluam momentos fascinantes, descobertas, frases das crianças que são reveladoras. Vocês terão duas páginas para a escrita de seu resumo, sendo possível nelas apresentarem imagens. Se das crianças, não se esqueçam de solicitar as autorizações aos responsáveis, pois precisaremos dela para que as imagens sejam publicadas no nosso livro.



## NA PRÁTICA

### *Formatação do Resumo:*

- *Papel: A4*
- *Formatação de margens: 3 cm à esquerda, 2 cm à direita, superior e inferior*
- *Fonte: Arial; tamanho 12; estilo: título em negrito, texto em normal e referências bibliográficas em caixa alta*
- *Paragrafação: espaçamento de 1,5; alinhamento: título centralizado, identificação de autoria alinhada à direita e corpo do texto justificado*
- *Trabalho Final (Tamanho: 3 laudas)*
  - *Título*
  - *Resumo Tamanho: 100 palavras.*
  - *4 palavras-chave.*
  - *Texto*
  - *Foto (uma fotografia)*
  - *Desenhos das crianças para compor a abertura do trabalho e a capa do e-book (escanear em 300 dpi, não serve desenho fotografado)*

### *Características textuais*

- *Título do trabalho*
- *Identificação de autoria: deve conter o nome do cursista, nome dos tutores e nome do orientador*
- *Descrição incluindo:*

### *Objetivos*

### *Ação*

### *Materiais utilizados*

- *Resultados/Descobertas do cursista*
- *Conclusões*

### *Bibliografia*

## IMPORTANTE

*Assim como para apresentar fotos com as crianças nos slides, aqui também precisamos das autorizações dos pais ou responsáveis. Precisaremos inclusive que você entregue as autorizações assinadas para o seu tutor presencial. Esse é um procedimento necessário porque a publicação de nosso livro será aberta para a comunidade em geral.*